

O caráter é o elemento primordial de sua vida e de sua duração. Aquele que abaixa o nível de sua vida interior, que coloca a sua reta vontade abaixo de suas sensações, seja ele um ser ou uma coletividade, está prestes a morrer.

Gustavo Le Bon exprime esta verdade procurando estabelecer as leis psicológicas da evolução dos povos:

“O poder de um povo não depende de sua inteligência, mas de seu caráter. A inteligência permite perscrutar os mistérios da natureza e utilizar as suas forças. O caráter aprende a se conduzir e a resistir, vitoriosamente, às sugestões.”

Acrescenta algures:

“As qualidades do caráter, cujo conjunto constitui a alma nacional de um povo, são formadas pelas lentas acumulações ancestrais. Elas terminam por constituir um agregado muito estável de sentimento, de tradições e de crenças, codificando, através das idades, as necessidades às quais é submetida a vida de cada nação.”

É em razão da complexidade dessas necessidades que se não pode prever, senão depois de temíveis experiências, que a alma de uma nação é tão lenta e tão difícil de constituir. É também esse lento processo da formação de um pensamento nacional que nos obriga a considerar a educação coletiva de um povo como necessidade de primeira ordem; é o único meio de chegar a criar um caráter nacional, como assim exprime Gustavo Le Bon:

“O problema vital do futuro entre os povos de civilização apurada será superpor à sua cultura intelectual uma educação rigorosa do caráter e, sobretudo, da vontade, únicas forças capazes de assegurar às nações a sua independência.”

(Henri Durville)

[Reproduzido de “**A Ciência Secreta**”, de Henri Durville, edição em dois volumes, 2º volume, Ed. Pensamento, SP, Brasil, 1976, 376 pp., pp. 99-100.]

000

Nascido em 6 de Fevereiro de 1608: **A Ética de Antônio Vieira**

A visão interior da meta antecede a ação. Saber o que é correto é mais fácil do que colocá-lo em prática eficientemente.

Assim, a chave ética para a transformação política da sociedade não terá de ser descoberta em algum momento do futuro, porque já vem sendo descrita e mostrada há milênios.

“Não há nada de novo debaixo do Sol”, diz a Bíblia. E um exemplo claro disso é que a questão da existência ou não de ética na política - decisiva para o século 21 - já foi esclarecida corajosa e magistralmente pelo padre Antônio Vieira em um sermão feito em Lisboa em 1655, por coincidência, alguns poucos anos antes de ele ser recolhido às prisões da Santa Inquisição portuguesa.

[Clique para ver o artigo](#)
[“A Ética de Antônio Vieira” na íntegra](#)

000

O Estudo de Carton Sobre Sêneca

Pitagórico do Século Vinte publicou Livro Sobre o Estoico do Mundo Antigo



Sêneca (esq.), Paul Carton (dir.) e a capa do livro disponível em nossos websites

Reproduzimos aqui sete trechos da obra “**O Naturismo em Sêneca**”, de Paul Carton. Os números das páginas são indicados entre parênteses ao final de cada passagem. O livro é uma compilação dos escritos de Lúcio Sêneca e está publicado em nossos websites.

Nascido a 12 de março de 1875, Paul Carton foi um pitagórico do século 20 e é autor de diversos livros importantes para os estudantes de teosofia. Lúcio Sêneca (4 AEC-65 EC) está entre os principais filósofos estoicos do mundo antigo. É considerado um teosofista.

1. A Filosofia da Felicidade

Primeiro que tudo, Sêneca admite como princípio dirigente fundamental, a necessidade para o homem, de viver em conformidade com a natureza, se quer ser feliz: “Segundo o grande princípio de todos os estoicos”, escreve ele, “é a natureza que eu pretendo seguir: não nos afastarmos dela, formarmo-nos sobre a sua lei e o seu exemplo, eis a sabedoria.” (p.10)

[*Palavras de Sêneca, citadas por Carton:*]

“O homem feliz não é aquele que o mundo assim chama, e no qual o ouro afluí em abundância mas aquele que tem todos os tesouros na sua alma, que, altivo e magnânimo, calca

aos pés o que os outros admiram; que não vê ninguém com quem se queira trocar; que toma a natureza como guia e as suas leis como regras, vivendo como ela ordena.” (p.10)

[*Sêneca, citado por Carton:*]

“Só temos que purificar a nossa alma e seguir a natureza; quem disso se afastar está condenado a tudo desejar e a tudo rezear, a ser escravo dos acontecimentos.” (p.10)

2. O Altruísmo e a Inteligência

[*Paul Carton escreve:*]

O altruísmo, o amor ao próximo, a bondade a respeito dos inferiores, a beneficência concedida a todos, tanto amigos como inimigos, encontram-se professados categoricamente por Sêneca numa série de passagens das suas cartas: “É necessário viver para os outros se queremos viver para nós.” (pp.80-81)

[*Sêneca, citado por Paul Carton:*]

“O benefício vem muito tarde, se vier apenas a seguir ao pedido”. (p.81)

[*Carton escreve, para em seguida citar Sêneca:*]

Mas a beneficência deve ser praticada segundo certas regras para ser louvável e útil. “Em matéria de benefícios, a lei das duas partes ordena que aquele que dá se esqueça imediatamente, e aquele que recebe se lembre eternamente. Em nada prejudica a alma, em nada a humilha, a lembrança constante daquilo que os outros têm feito por nós.” (p.81)

3. Filosofia Clássica e Reencarnação

[*Sêneca, citado por Carton:*]

“No dizer de Pitágoras, uma consanguinidade universal liga todos os seres, e uma transmutação sem fim os faz passar duma forma para outra. A cremos nisso, nenhuma alma morre nem mesmo cessa de atuar, salvo no curto momento em que ela reveste um outro invólucro. Sem investigar aqui quais as sucessões de tempo e quais os domicílios por vezes habitados, ela volta à forma humana (...).” (p.51)

4. A Conduta Correta

“...A plenitude da felicidade para o homem”, repete [Sêneca] algures, “é sofrer e vencer todos os maus desejos, erguer seus olhos aos céus e devassar os pontos mais recônditos da natureza... Oh! Como o homem é pequeno se não se educar acima das coisas humanas.” (pp. 10-11)

5. O Sábio Pode Ser Visto como Louco

[*Sêneca, citado por Carton:*]

“O que o homem de bem julgar honesto fazer, fá-lo-á, por mais penoso que seja; e fá-lo-á mesmo em seu prejuízo; fá-lo-á até quando para ele houver perigo. Mas, uma coisa vergonhosa, nunca a fará, mesmo que dela possam resultar riquezas, honras, prazeres, poder.” (p.80)

[*Sêneca, citado por Carton:*]

“Aquele que resolver ser feliz, só deve reconhecer como bem a honestidade.” (p.80)

[*Carton escreve e em seguida reproduz palavras de Sêneca:*]

Mesmo com risco de sermos tratados como loucos por certos homens, devemos ter a coragem de nos impormos a mais firme correção e a maior sabedoria: “Consente em passares por desarrazoado aos olhos de certos homens. Experimenta aqueles que querem contra ti o ultraje e a injustiça; nada sofrerás se a virtude estiver contigo. Sim; se queres ser feliz e abertamente homem de bem, há desprezos que deves aceitar”. (p.80)

6. A Saúde da Alma

[*Sêneca, citado por Carton:*]

“Cuida, pois, acima de tudo, da saúde da alma; que a do corpo venha em segundo lugar; e esta última custar-te-á pouco, se tu te quiseres portar bem...” (p.54)

7. A Arte de Obedecer à Natureza

[*Sêneca, citado por Carton:*]

“O que é, na verdade, a razão? A imitação da natureza. E o soberano bem? Uma conduta conforme ao voto da natureza.” (p.11)

[*Sêneca, citado por Carton:*]

“A natureza, na verdade, é o guia que se deve seguir. É ela que observa, que consulta a razão. É, pois, a mesma coisa: viver feliz ou viver segundo a natureza.” (p.11)

[*Paul Carton escreve:*]

Mas, seguir a natureza, em que consistirá? Em ser escravo da verdade; em procurá-la antes de tudo e entronizá-la na vida pela obra diária do sábio governo de si próprio, auxiliado pela reflexão e pela meditação; em fazer ato ao mesmo tempo de ciência, de filosofia e de religião. Porque se não se aliassem os princípios científicos aos princípios filosóficos e religiosos, as ligações naturais do homem e o fim da sua vida seriam desconhecidos. Seguir-se-ia então uma concepção falsa dos verdadeiros bens, uma aberração sobre as condições normais da existência material e mental. Foi o que Sêneca compreendia perfeitamente: “O título de feliz”, afirma ele categoricamente, “não é consagrado ao homem que está fora da verdade; por toda a parte a vida feliz é aquela que tem por base um critério esclarecido e seguro, que é a base imutável da vida.” (p.12)

000

V veja em nossos websites a íntegra do livro “[O Naturismo em Sêneca](#)”, de Paul Carton.

000

As Medicinas Alternativas

[Clique Aqui Para Ver o Artigo](#)

000

compreensão da psicologia em profundidade tende a anular a possibilidade da desonestidade, impelindo assim a pessoa a uma maior honestidade. (pp. 74-75)

2. A Derrota dos Espertalhões

Escreve o respeitável Sigmund Freud:

“Pode causar surpresa geral a descoberta de que o impulso para dizer a verdade é muito mais forte do que se supõe. Talvez seja por causa de minhas atividades psicanalíticas que eu hoje quase não consigo mais mentir.” [1]

Todo ser humano tem a tendência a enganar os outros, pois seu ego está sempre lutando por elevar o próprio prestígio às custas dos outros. Nas pessoas assim chamadas éticas, essa tendência não toma a forma de uma mentira direta, mas a de um contínuo empenho em aparentar algo diferente, geralmente melhor que aquilo que realmente são.

O purista que não reconhece sua tendência a enganar os outros é duplamente enganado. Seu ego já aprendeu o jogo tão bem que enganou completamente a pessoa em si e abriu amplos meios, assim, para enganar o mundo. As motivações humanas sempre são mais ou menos influenciadas pelas propensões do ego, o que, justamente com a consequente tendência a enganar os outros, devemos perceber antes de chegarmos a uma situação em que decidimos ser mais honestos. Por isso, como tantas vezes observa Jesus, as pessoas “boas”, que não admitem suas más tendências, podem ser piores do que as pessoas más que reconhecem suas falhas.

O enganar os outros e o enganar-se a si próprios andam juntos. Na verdade, se uma pessoa nunca se enganou a si mesma um pouco, não enganaria por muito tempo os outros, pois reconheceria logo a insensatez de sua ação. Os dois tipos de engano podem ter sucesso temporário, mas no final falharão, mais desastrosamente ainda, exatamente porque eles *são enganados*. Quanto mais penetrante for o “insight” de alguém nos mecanismos profundos da personalidade, tanto mais se adquirirá a convicção de que é inútil tentar ludibriar a si mesmo ou aos outros. (p. 75)

(Rollo May)

NOTA:

[1] “Psychopathology of Everyday Life”, p. 255. Freud explica sua honestidade desta forma: “Todas as vezes que tento uma distorção, caio num erro, ou em algum outro ato falho que trai minha desonestidade.” Isso prova nosso argumento, ou seja, que a mente psicologicamente retificada torna-se mais honesta por força de seus próprios processos automáticos. (R. May)

000

Diálogo Sobre Sonhos

Uma Conversa Com Discípulos em Londres

Helena P. Blavatsky

[Clique Aqui Para Ler o Texto](#)

000

A Vigilância, a Vontade e a Educação de Si Mesmo



Publicamos a seguir dois trechos do livro clássico “A Ciência Secreta”, de Henri Durville, edição em dois volumes, Ed. Pensamento, SP, Brasil, 1976. As passagens podem ser encontradas no segundo volume. As páginas estão indicadas entre parênteses ao final de cada trecho. (Os Editores)

1.0 Desenvolvimento da Atenção

O hábito de atenção desenvolve, ao mesmo tempo, todas as outras faculdades de espírito. Já o dissemos, e não há necessidade de nos estendermos a respeito, a atenção mais exata nos dá uma memória mais leve e mais extensa, uma lógica mais estrita, baseada em observações sempre mais completas e, por esse fato, associações de ideias sempre mais amplas e mais fáceis.

A vontade é também fortificada pelo desenvolvimento da atenção. O hábito que tomamos de não deixar passar despercebidos e indiferentes os objetos que caem sob os nossos olhos, desenvolve de maneira possante a vontade que será encarregada de escolher e aproveitar materiais que a atenção e a memória lhe recolhem. A vontade é para o ser humano o que um estalo de chicote é para a carruagem. Quando o cocheiro (o diretor, a consciência) segura o chicote, está em estado de obrigar o cavalo a um esforço maior.

O papel da vontade é certamente imenso, mas é um erro, desgraçadamente muito frequente, tudo basear sobre o império da vontade.

Para ser verdadeiramente eficaz, essa vontade deve ser dirigida com calma, perseverança e lucidez, o que demanda uma educação especial bem longa. É preciso que essa faculdade, que pode dar a todo o ser um impulso violento, não peça à carruagem que ela governa um esforço acima do que lhe é possível dar.

É preciso também que essa vontade não seja tentada, como acontece muitas vezes, a abusar de seu poder, a fazer servir o seu esforço ao seu interesse somente.

Aquele que é *arrivista é geralmente* um desajeitado que não vence nem chega senão muito longe do fim que se havia prometido; por isso tem de solicitar da sua atrelagem um impulso muito forte e rápido; por isso, nas curvas perigosas e nos declives escorregadios, fere muitas vezes o seu cavalo e quebra a carruagem.

Deve, esse cocheiro inteligente, medir as chicotadas que é obrigado a dar, fazê-las raras e leves, e somente em algumas circunstâncias pouco frequentes.

Esse violento esforço não é o fim a que se propõe o psiquista; o que ele quer realizar, principalmente, é um estado de calma constante em que a vontade seja igual, calma, regular, sempre desperta, prestes a dar um esforço contínuo e não essas pancadas às quais os cavalos não resistem.

Assim compreendida, a vontade que sofreu um exercício constante e necessário nos confere, por suas vitórias cotidianas, um domínio mais e mais completo sobre nós mesmos, condição especial para ser admitido ao adepto. Péladan, que entreviu a sublime ascensão do iniciado, diz:

“Agirás sobre outrem na mesma proporção em que terás agido sobre ti.”

Não se pode irradiar sobre os outros quando não se possui um corpo em perfeito estado, quando não se é senhor dos impulsos do inconsciente, quando não se é senhor do próprio espírito. A vontade deve ser igual a uma arma sempre afiada, mas dentro da sua bainha e não essa espada enferrujada, pesada e enodoada, incapaz de ação.

Salomão disse muito judiciosamente: “Aquele que é lento na cólera é superior ao mais poderoso, e aquele que governa o seu espírito é mais forte do que aquele que toma uma cidade.” (pp. 228-229)

2. A Educação de Si Mesmo

A direção de nosso espírito e de nossa vontade deve ter por primeiro efeito dar-nos uma vista inteiramente nova da vida e das circunstâncias que nos rodeiam. Anima-nos necessariamente ao otimismo.

O nosso papel é dar coragem àqueles aos quais ela falta, reconfortar os fracos, auxiliar aqueles que estão prestes a sucumbir sob o peso das suas dores. Temos o dever de dar forças vivas ao doente que as adaptará às necessidades de seu organismo; de sustentar o deprimido que não pede senão um pouco de assistência para se encontrar de novo no caminho da ação. Mas, para fomentar essas forças ativas e vivificantes é preciso ainda que as sintamos em nós!

Não teremos essas forças vivificantes se não estamos, nós mesmos, penetrados de um justo otimismo.

Os nossos pensamentos devem ser radiosos e alegres, para iluminar toda a sombra.

O otimismo é, aliás, uma qualidade primordial do verdadeiro adepto. A educação de sua vontade dotou-o de forças especiais que multiplicam os meios de realização de que dispunha; se ele desenvolveu uma atenção precisa, uma memória exata, terá qualidades superiores que aumentam à medida que se desenvolve; tudo lhe parecerá fácil; não poderá entristecer-se diante dos obstáculos, que não lhe resistirão.

Também mesmo se, em dado momento, obstáculos imensos se apresentarem no seu caminho, retrocederá ou galgará todos eles, com a filosófica resignação daqueles que conhecem a utilidade primordial da existência.

Nessa concepção nova da vida, chega-se necessariamente ao otimismo. Está-se cheio de ideias alegres e reconfortantes e é o que permite ao iniciado emaná-las, irradiá-las ao redor de si, fazendo viver aqueles que vêm a ele nas suas mágoas, numa atmosfera de força e calma que os prende à vida e ao desejo da vida. Ao contato do iniciado como diante da face do sol, as nuvens se dissipam, a obscuridade foge; aquele que chorava sente-se cheio de confiança e de esperança.

É preciso esforçarmo-nos, pois, para entreter em nós esse otimismo. É uma necessidade para o adepto porque, sob o ponto de vista psíquico, ideias da mesma natureza se atraem. Se lutamos com energia contra o que nos entrava, se somos alegres e confiantes, mesmo no momento da luta, atraímos para nós o ambiente em que vivemos, pensamentos análogos aos nossos, que nos vêm ajudar, sem cessar.

É o que explica que não há nunca desperdício verdadeiro para o curador psiquista.

Mais eleva o seu espírito para as fontes puras, mais recebe forças vivas que poderá despender em vista de um ideal que é já, por si mesmo, uma recompensa. (pp. 229-230)

(Henri Durville)

000

Examinando as Fontes da Injustiça

O mal moral é a mentira em ação como a mentira é o crime em palavras. A injustiça é a essência da mentira; toda mentira é uma injustiça. Quando é justo o que se diz, não há mentira.

Quando se procede equitativamente e de modo verdadeiro, não há pecado.

A injustiça é a morte do ser moral, como a mentira é o veneno da inteligência. O espírito de mentira é pois esse espírito de morte. Os que o escutam saem por ele envenenados e ludibriados.

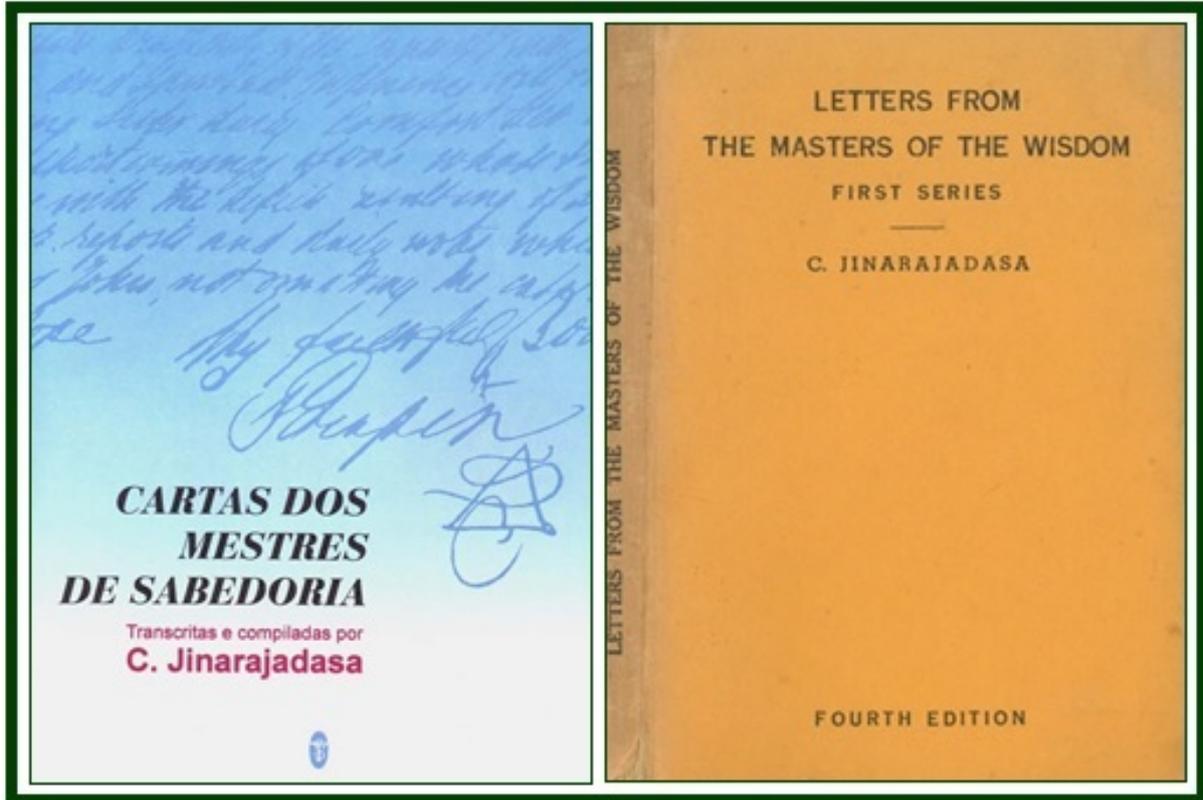
(Eliphas Levi)

[Do livro “História da Magia”, de E. Levi, Ed. Pensamento, SP, Brasil, 409 pp., p. 29.]

000

Ensinaamentos de um Mahatma - 21

Uma Compilação das Cartas Do Mestre de Helena Blavatsky



Nota Editorial:

O vigésimo primeiro artigo da série com cartas escritas pelo mestre de Helena Blavatsky corresponde ao texto das Cartas 5 e 3 da obra “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, primeira série. A Carta 5 é incluída como preparação para o estudo da Carta 3. As notas introdutórias das cartas, escritas por C. Jinarajadasa, são reproduzidas antes das cartas.

(CCA)

Carta 5, CMS, Primeira Série

Nota Introdutória por C.J.

Este é um dos documentos mais extraordinários que estão agora em Adyar. Consiste de um compromisso com os Mestres, escrito pela Srta. Arundale e assinado por todos os que formavam o “Grupo Interno” da Loja de Londres. Mas ambos os Mestres, M. e K.H., e também H.P.B., escreveram no documento. A parte com a letra da Srta. Arundale está impressa com letras pequenas; a manuscrita por H.P.B., com letras maiores, e a escrita pelos Mestres em maiúsculas. Observe-se que no segundo parágrafo o Mestre K.H. acrescentou, com letra azul, algumas palavras entre

travessões, bem como após o acréscimo de H.P.B. Ao final do compromisso, com a letra da Srta. Arundale e antes que iniciassem as assinaturas dos membros, havia quatro linhas vagas no documento; nestas linhas em branco está escrita a aceitação da promessa pelos dois Mestres; portanto, as palavras “os abaixo assinados” referem-se aos assinantes do Grupo, composto por aspirantes que prometem servir aos Mestres, cujos nomes vêm abaixo da aceitação dos Mestres. Escrita transversalmente à colocação do Mestre K.H., aparece em vermelho a única palavra “Aprovado”, na letra do Mestre M., seguida por Sua inicial. Este Grupo Interno, que se desintegrou depois de um ano, foi a primeira tentativa de criar o que mais tarde se tornou a Escola Esotérica de Teosofia. (CJ)

Aos Membros do Grupo Interno da Loja de Londres [1]

Em vista da recente renúncia do Sr. Massey e da razão que foi dada para tal, isto é, suspeita em relação aos Mahatmas e a tendência demonstrada por alguns outros membros da Loja de Londres de desacreditar dos ensinamentos orientais e desconfiar de seus Instrutores, nós, os abaixo assinados membros da Loja de Londres, estando convencidos de que não é possível educação espiritual alguma sem a união absoluta e solidária entre os colegas estudantes, desejamos formar um grupo interno.

Tomando a palavra “religião” em seu sentido amplo e deixando cada membro do referido grupo livre para seguir seu sistema teológico ou crença - **COMO OCORREU ATÉ AGORA EM TODAS AS SOCIEDADES TEOSÓFICAS** - desejamos, não obstante, estabelecer um laço de autêntica união fraternal de uma natureza tal que se possam realizar aquelas condições que estamos convencidos serem inalcançáveis na Loja de Londres tal como ela está constituída.

Para este Grupo Interno - o **Ádito [2]** da Loja de Londres - é que humildemente solicitamos o reconhecimento extrarregulamentar dos *Mahatmas*, nossos Bem-amados Instrutores: pedindo a eles, além disso, que nos concedam a especial permissão de fazer nosso próprio regulamento e escolher nosso próprio conselho; e, embora permanecendo individualmente sujeitos às regras e estatutos da Loja de Londres, o grupo como tal, deve ser independente da Loja de Londres em seu trabalho especial.

O princípio fundamental do novo Grupo é de confiar implicitamente nos *Mahatmas* e em seus ensinamentos e obedecer firmemente a seus desejos em todos os assuntos relacionados com o progresso espiritual.

N.B. [3] Se, no entanto houver uma sincera convicção por parte de qualquer membro de que ele ou ela não pode em plena consciência prometer esta firme obediência em todos os assuntos relacionados com o progresso espiritual, este membro pode retirar-se do círculo interno, com a certeza e o conhecimento de que não será acusado de conduta desonrosa.

H.P. Blavatsky.

CONTANTO QUE ELE, OU ELA, NÃO TORNE PÚBLICA QUALQUER PARTE DOS ENSINAMENTOS, ORALMENTE OU POR ESCRITO, SEM PERMISSÃO ESPECIAL DO ABAIXO ASSINADO.

K.H.

Finalmente, ao submeter este pedido aos nossos venerados Mestres, nós sinceramente lhes pedimos, se esta receber sua aprovação, que a confirmem com suas assinaturas e consintam em continuar seus ensinamentos como até aqui, enquanto houver um membro sincero nesse grupo.

APROVADO. O ACORDO É MÚTUO. PERMANECERÁ EM VIGOR ENQUANTO AS AÇÕES DOS QUE ASSINAM ABAIXO ESTIVEREM DE ACORDO COM AS PROMESSAS IMPLÍCITAS NO “PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DO GRUPO” - E ACEITAS POR ELES.

K.H.

APROVADO. M .:

Mary Anne Arundale, Francesca Arundale, Alfred J. Cooper-Oakley, H. Isabel Cooper-Oakley, Archibald Keightley, Bertram Keightley, Isabel de Steiger, Laura E. Falkiner, Edmond W. Wade, R. Palmer Thomas, John Varley, Isabella Varley, Toni Schmiechen, Mary C. D. Hamilton, Gerard B. Finch, Louisa S. Cook, Mabel Collins (Sra. Keningale Cook), Catherine Galindo, Patience Sinnett, A.P. Sinnett, Jane Wade.

NOTAS:

[1] Os Mestres fizeram apenas algumas inscrições, materializadas ao final deste documento - que era dirigido a Eles, e assinado por vários membros da Loja de Londres. As frases escritas pelos Mestres estão em letras maiúsculas, informando sobre a aprovação do pedido. (Nota da edição brasileira de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”)

[2] *Ádito*: Câmara secreta dos templos antigos; santuário onde só os sacerdotes podiam entrar. (Nota da edição brasileira de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”)

[3] N.B. - Abreviatura de *Nota Bene*, do latim. (Nota da edição brasileira de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”)

Carta 3, CMS, Primeira Série

Nota Introdutória por C.J.

Recebida em Londres, em 1884. Transcrita do original em Adyar. Está escrita em tinta vermelha. (CJ)

Para H.P.B.

Faça com que o “Círculo Interno” [1] saiba o que se segue, mostrando-lhes, e deixando com eles esta carta. Se encontrarem dificuldade em ler minha letra, então passe a limpo o texto.

I. Se fossem encontrados meios de prosseguir com os Ensinamentos Esotéricos interrompidos no ano passado, e se *Mahatma* Kuthumi considerasse possível retomar sua correspondência, ela poderia passar apenas através das mãos do Sr. Sinnett, como até aqui. Ele foi o correspondente escolhido desde o início; ressuscitou a Loja de Londres e trabalhou pela Causa da Sociedade Teosófica; nada mais justo que ele possa colher os frutos do *Karma*. O *Mahatma*, [2] seu correspondente, não poderia transferir com qualquer grau de justiça ensinamentos em série a nenhum outro.

II. Isto posto, permanece a questão sobre que meios existem para se manter correspondência, mesmo com o Sr. Sinnett? H.P.B. não se encarregará de enviar e transmitir as cartas; ela já demonstrou suficientemente sua disposição ao sacrifício de si mesma nesse sentido e, a menos que ela o faça a partir de sua própria e livre vontade e sem minha referência à questão, mesmo eu, seu guru por muitos anos, não tenho o direito de obrigá-la. Damodar K.M. [3] possui a mesma ou até maior resistência à ideia. Uma vez que a ação pertence ao *karma*, K.H. não pode e não o compelirá, já que não deve interferir com o *karma*. Resta Mohini *babu*. [4] Ele não atingiu aquele estágio de desenvolvimento fisiológico que capacita um chela a enviar e receber cartas. Sua evolução tem sido maior no plano intelectual, e, justamente agora inicia uma maior atividade nos limites entre este e o espiritual, e suas declarações estarão, como até agora, amplamente inspiradas por seu Mestre. A cada dia ele melhorará. Se seus amigos de visão curta não o estragarem através de seus tolos elogios e ele não se entregar às sedutoras influências que convergem em sua direção, há um futuro para ele - mas ele não está pronto para transferência física. Além disso, quando e se ele cair um dia sob o encantamento da vida mundana, suas inspirações cessarão e seu nome será escrito no "rol" como um fracasso. Ele corre perigo. Seu Mestre o percebe e - hesita. Há ainda outra pessoa, mas esta, se lhe forem concedidos tais poderes, irá ocultar isso até o fim. Ninguém está preparado para buscar e aceitar o martírio, que bem pode resultar naquela grande calamidade, a interrupção de seus estudos e de seu desenvolvimento.

III. Seja quem for que possa ser encontrado - se é que se encontrará alguém - para transmitir ao Sr. S. as Cartas de K.H., nem o "Círculo Interno" nem mesmo a L.L. [5] como um todo estão em condições, neste momento, de tirar proveito ou mesmo receber calmamente as instruções desejadas. Um grupo de estudantes das Doutrinas Esot. que queira obter qualquer proveito espiritual deve estar em perfeita harmonia e unidade de pensamento. Cada um, individual e coletivamente, deve ser, no mínimo, *totalmente altruísta*, gentil e pleno de boa vontade em relação a cada um dos outros - para não falar da humanidade; não deve haver espírito de facção em meio ao grupo, nem maledicência, má-vontade, inveja ou ciúmes, desprezo ou cólera. O que fere um deve ferir o outro - aquilo que alegra "A" deve encher "B" de prazer. Está a L.L., ou mesmo seu *Círculo Interno* em tal estado - que é absolutamente requerido por nossas Regras e Leis? É apenas devido à grande bondade de K.H. que, apesar do estado deplorável em que a L.L. se encontrava por cerca de dois anos e de lhe faltarem os requisitos indicados, ele ainda se correspondia ocasionalmente com o Sr. Sinnett. A recente sucessão de problemas internos poderia ter sido resolvida rapidamente, e a maioria deles evitados, se houvesse aquela autêntica unidade fraternal que leva um amplo conjunto de homens a agir como um só homem, e como se fossem dotados de um único coração e alma. Sou forçado a dizer que somente uma mudança radical nos sentimentos da L.L. pode revelar a sua utilidade potencial à grande causa que abraçamos. Em seu estado atual, a encontramos tendendo para a direção oposta. A L.L. é apenas uma brilhante - muito provavelmente a mais brilhante - orbe no céu teosófico, mas para a Soc. Matriz é apenas algo que excedeu-se em crescimento aristocrático, um Império dentro de um Império, o qual, ao gravitar em direção de seu próprio centro de hábitos fixos, preconceitos e superficialidade, lança confusão sobre todo o Corpo, quando poderia com igual facilidade tornar-se a rocha de salvação, o porto mais seguro para seus milhares de membros.

Ela terá que mudar sua política, até aqui exclusivista e egoísta, se quiser sobreviver. Terá que se tornar parte inseparável da "Fraternidade Universal", se quiser ser um corpo *teosófico*. Deve atuar em total harmonia com a organização matriz e promover a observação da regra de perfeita solidariedade e unidade de pensamento através da Sociedade como um todo. Não se deve permitir fofocas, nem difamações, nem demonstrar predileções pessoais ou favoritismo,

se quiserem a nós como instrutores. O *Mahatma* Kut-humi pode, naturalmente, como um Adepto independente, contando com sua própria capacidade privada, escrever a quem ele escolher - se encontrar os meios de fazê-lo sem infringir a boa Lei Secreta. Mas ele nunca consentirá em divergir desta Lei, nem para satisfazer aqueles que lhe têm sido mais devotados. Que a L.L. e especialmente o *Círculo Interno* separem o grão do refugo, pois não teremos nada a ver com este último. Que eles ouçam este conselho fraternal.

Vejam que desempenho completamente estéril foi feito até o regresso do Sr. Sinnett da Índia - e tirem proveito da lição, vocês que dizem conhecer o *karma*. É inútil mencionar os vários escândalos na Sede, em Bombaim e em Madras para disfarçar seus descuidos do passado: não é desculpa. Os dirigentes da S.M. [6] cometeram e cometerão muitos erros, precisamente porque estão sós e foram deixados sem auxílio e proteção, pois poderiam ter evitado tais intimidades perigosas e não têm ninguém para responsabilizar, a não ser a si próprios, pelo fato de sua confiança haver sido traída: o mesmo vale para alguns da L.L. que pecaram devido a imprudência e entusiasmo. A natureza humana é exatamente tão frágil em Adyar quanto em Chancery Lane [7] ou em Paris. É realmente uma árdua tarefa combinar material tão pobre e fazer com ele uma organização forte e perfeita - contudo, o futuro do movimento teosófico depende dos membros do *Círculo Interno*; se ele não for organizado como deve, devem culpar apenas a si próprios.

M .:

NOTAS:

[1] Veja Carta 5. (CJ)

[2] O Mestre K.H. (CJ)

[3] Damodar K. Mavalankar. (CJ)

[4] Mohini M. Chatterjee. (CJ)

[5] Loja de Londres. (CJ)

[6] Sociedade Matriz. (CJ)

[7] Onde a Loja de Londres reunia-se, naquela época, no escritório de advocacia de G.B. Finch. (CJ)

000

O material acima reproduz as Carta 5 e 3 de “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Primeira Série, Ed. Teosófica, Brasília, 2010, revisão técnica de Carlos Cardoso Aveline. A Carta 5 está nas pp. 29-31. A Carta 3, pp. 23-26. A Nota Introdutória de C.J. à Carta 5 será encontrada na p.119. A Nota Introdutória à Carta 3 está na p. 118. A edição em inglês de 1948 da obra pode ser lida em PDF [nos websites associados](#).

000

E o povo não deseja o seu mal.
Assim, as pessoas do mundo ficam felizes por apoiá-lo sempre.
Porque ele não luta,
Ninguém no mundo pode lutar com ele.

NOTA:

[1] Ver capítulo seis. (Lin Yutang)

Capítulo 67: **OS TRÊS TESOUROS**

O mundo inteiro diz: o fato de eu ensinar (o Tao) se assemelha muito à loucura.
Porque ele é grande; portanto parece loucura.
Se não parecesse loucura,
Há muito já teria se transformado realmente em algo pequeno e mesquinho!

Eu tenho Três Tesouros;
Guarde-os e os mantenha em segurança:
O primeiro é Amor. [1]
O segundo é, Nada em excesso. [2]
O terceiro é, Nunca seja o primeiro no mundo.
Através do Amor, não temos medo;
Através de não fazer coisas em excesso, temos amplitude (de reserva de forças);
Através de não ter a pretensão de que somos os primeiros do mundo,
Podemos desenvolver nosso talento e deixar que ele amadureça.

Se alguém deixa de lado o amor e a coragem,
e abandona o autocontrole e a reserva de forças,
e deixa de lado a necessidade de seguir atrás para lançar-se à frente,
Ele está morto!

Porque o amor é vitorioso no ataque,
E invulnerável na defesa. [3]
O céu dá como arma o amor
Para aqueles que ele não quer ver derrotados.

NOTAS:

[1] *Ts'e*, terno amor (associado com a mãe). (Lin Yutang)

[2] *Chien*, literalmente “frugalidade”, “ser moderado”, veja o capítulo 59. (Lin Yutang)

[3] Veja os capítulos 31, 69. (Lin Yutang)

Capítulo 68: **A VIRTUDE DE NÃO LUTAR**

O soldado corajoso não é violento;
O bom lutador não perde o autocontrole;
O grande vencedor não luta (por coisas pequenas);
O bom líder se coloca abaixo dos outros.
- Esta é a Virtude de não lutar.
[Ela] é chamada de *capacidade de liderar seres humanos*.

[Ela] consiste em alcançar a altura máxima da existência,
Unido ao Céu, ao que é antigo.

Capítulo 69: **CAMUFLAGEM**

Um axioma dos estrategistas militares diz;
Não quero ser o invasor, prefiro ser o invadido. [1]
Não queira avançar uma polegada, prefira recuar meio metro.
Isto é, marchar fora de formação,
Não arregaçar as mangas,
Não fazer ataques frontais,
Armar-se sem armas. [2]
Não existe catástrofe maior do que subestimar o inimigo.
Subestimar o inimigo pode provocar a perda dos meus tesouros. [3]
Portanto, quando dois exércitos de igual porte se encontram,
É o homem sofredor [4] que vence.

NOTAS:

[1] *Invasor e invadido*, literalmente, “ser hóspede” e “ser anfitrião”. É possível ler o trecho de outra maneira, acrescentando “quando”, ideia que fica frequentemente implícita: “Quando não quero ser o primeiro a invadir, prefiro ser o invadido.” (Lin Yutang)

[2] Ou sentir que está nesta situação, ou seja, a condição subjetiva da humildade. Isto é inteiramente coerente com a filosofia de Laotse sobre camuflagem, a mais antiga do mundo. Conforme “a maior eloquência se parece com a gagueira”, etc., capítulo 45. (Lin Yutang)

[3] Possivelmente os “três tesouros”, capítulo 67. (Lin Yutang)

[4] Aquele que detesta matar. Veja o capítulo 31. O texto corrigido de Yu Yueh apresentaria o trecho da seguinte maneira: “O homem que cede, vence.” (Lin Yutang)

Capítulo 70: **ELES NÃO ME CONHECEM**

Meus ensinamentos são muito fáceis de compreender e praticar,
Mas ninguém consegue entendê-los e ninguém consegue praticá-los.
Em minhas palavras há um princípio.
Nos assuntos humanos há um sistema.
Porque eles não conhecem estes dois fatos,
Eles também não me conhecem.
Como são poucos os que me conhecem,
Eu sou importante.
Portanto, o Sábio veste uma roupa grosseira por fora,
E leva pedras preciosas em seu coração. [1]

NOTA:

[1] “Pedras preciosas” - no original em inglês, “jade”. O princípio de “esconder nossas boas ações e mostrar nossas falhas” é ensinado em filosofia esotérica. Veja por exemplo “Ísis Sem Véu”, de Helena Blavatsky, Ed. Pensamento, edição em quatro volumes, volume II, p. 72. No

Novo Testamento, Jesus denuncia os “sepulcros caiados” que fazem o oposto do recomendado pelos sábios. (CCA)

Capítulo 71: **A MENTE DOENTIA**

Aquele que sabe que não sabe é o mais elevado; [1]

Aquele que (tem a pretensão de) saber o que não sabe tem uma mente doentia.

E quem identifica a mente doentia como mente doentia não tem uma mente doentia.

O Sábio não tem mente doentia.

Porque ele reconhece a mente doentia como mente doentia,

Por esse motivo sua mente não é doentia.

NOTA:

[1] As tradições de sabedoria do Oriente e do Ocidente têm muito em comum. O princípio colocado neste capítulo é também platônico e socrático. Rousseau o adotou. Na “Apologia” de Platão [21, 22, 23], Sócrates defende o mesmo ponto de vista ao examinar por que motivo era considerado o homem mais sábio da Grécia. Há séculos as palavras de Sócrates têm sido resumidas na famosa frase cujas diversas variantes são atribuídas a ele: “Sei que nada sei”, “Só sei que nada sei”, e “Sei de uma só coisa: que não sei de coisa alguma”. (CCA)

Capítulo 72: **SOBRE A PUNIÇÃO - 01 [1]**

Quando as pessoas não têm medo do uso da força, [2]

Então (costuma acontecer que) uma grande força desce sobre elas.

Não despreze as moradias dos cidadãos,

Não rejeite os filhos deles.

Porque você não os rejeita,

Você mesmo não será rejeitado.[3]

Portanto o Sábio conhece a si mesmo, mas não se mostra,

Tem autoestima, mas não exalta a si mesmo.

Portanto, ele rejeita um fator (a força) e aceita o outro (a gentileza).

NOTAS:

[1] Os capítulos 72, 73, 74 e 75 estão intimamente relacionados entre si, em pensamento e na sua estrutura. (Lin Yutang)

[2] *Wei*, força militar ou autoridade; termo às vezes também usado em relação à “raiva celestial”. Outra interpretação, “Quando as pessoas não têm medo do Céu, então a raiva do Céu cai sobre elas”. Mas esta não se harmoniza tão bem no contexto. Veja os dois próximos capítulos sobre a futilidade da punição, especialmente as duas primeiras linhas do capítulo 74. (Lin Yutang) - Em relação à nota acima, o sr. Lin Yutang - filósofo parcialmente cristão - usa as palavras “Deus”, “raiva de Deus”, e assim por diante. Já que não há nenhum deus monoteísta no Taoísmo, evitamos este erro bem-intencionado e adotamos “raiva celestial” e “raiva do Céu”. Céu, no taoísmo, significa o mundo divino e o aspecto divino do universo. (CCA)

[3] No Novo Testamento, Jesus afirma: “Faz em relação aos outros o que tu gostarias que eles fizessem em relação a ti.” Esta é a Regra de Ouro, também presente no judaísmo e no confucianismo. (CCA)

Capítulo 73: **SOBRE A PUNIÇÃO - 02**

Aquele que é valente com atrevimento (você) mata,
Aquele que é valente sem atrevimento (você) deixa viver. [1]
Nestes dois casos,
Há vantagens e desvantagens.
(Ainda que) o Céu não goste de certas pessoas,
Quem pode saber (quem deve ser morto) e por que motivo?
Portanto mesmo o Sábio considera difícil esta pergunta.
O Caminho do Céu (Tao) é eficiente na vitória sem luta,
Recompensando ou punindo (a virtude e o vício) sem palavras,
Esclarecendo o que não foi perguntado,
Alcançando resultados sem uma intenção óbvia.
A Rede do Céu é ampla e larga, [2]
Com malhas grandes, mas nada escapa por ela.

NOTAS:

[1] Atrevimento, ousadia ou temeridade. (CCA)

[2] Isso hoje constitui um provérbio chinês, “a virtude é sempre recompensada, o vício é sempre punido.” (Lin Yutang)

Capítulo 74: **SOBRE A PUNIÇÃO - 03**

As pessoas não têm medo da morte;
Para quê ameaçá-las com a morte?
Supondo que todas as pessoas *tivessem* medo da morte,
E que pudéssemos capturar e matar os indisciplinados,
Quem ousaria fazer isso? [1]
Acontece com frequência que o matador é morto.
E cumprir o papel do matador
É como entregar o machado para o carpinteiro.
Quem entrega o machado para o carpinteiro
Raramente evita sofrer um ferimento em suas mãos. [2]

NOTAS:

[1] Veja a similaridade de construção com as cinco primeiras linhas do capítulo 73. (Lin Yutang)

[2] Aquele que ajuda outros na prática da violência chama para si o carma correspondente. (CCA)

Capítulo 75: **SOBRE A PUNIÇÃO - 04**

Quando as pessoas passam fome,
É porque os governantes se alimentam com um excesso de impostos sobre os grãos.
Portanto a desobediência do povo faminto
Se deve à interferência dos seus governantes.
É por isso que as pessoas se tornam ingovernáveis.
As pessoas não têm medo da morte,
Porque estão ansiosas em relação ao seu sustento.
É por isso que elas não têm medo da morte. [1]
São aqueles que não interferem com a sobrevivência do povo
Que têm sabedoria ao exaltar a vida.

NOTA:

[1] No entanto, o presente capítulo não é um convite para os povos se revoltarem contra os governantes. É um convite para que os governantes liderem suas nações e cidades com sabedoria e compaixão, ensinando a simplicidade voluntária pelo exemplo. (CCA)

000

Estes são os capítulos sessenta e seis a setenta e cinco do **Tao Teh Ching**. Os capítulos um a sessenta e cinco foram publicados em edições anteriores de “O Teosofista”.

Novos Textos em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados. [1] Dia 06 de fevereiro tínhamos 2388 itens em nosso acervo, dos quais 05 estavam em francês, 1145 em português, 1124 em inglês e 114 em espanhol.

Os seguintes itens -- artigos, livros e um poema - foram publicados entre 09 de janeiro e 06 de fevereiro:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Thoughts Along the Road - 26** - *Carlos Cardoso Aveline*
2. **La Teosofía de los Andes** - *Carlos Cardoso Aveline*
3. **Finalidade do Mundo - Tomo III** - *Farias Brito* [livro]
4. **The Ecology of Human Consciousness** - *Helena P. Blavatsky*
5. **Finalidade do Mundo - Tomo II** - *Farias Brito* [livro]
6. **Finalidade do Mundo - Tomo I** - *Farias Brito* [livro]
7. **A Verdade Como Regra das Ações** - *Farias Brito* [livro]
8. **The Power of Silence** - *Max Picard*
9. **O Naturismo em Sêneca** - *Paul Carton* [livro]
10. **On the Island of Shambhala** - *Helena P. Blavatsky*
11. **Aforismos de la Yoga de Patanjali** - *Swami Vivekananda* [livro]
12. **Bom Senso no Estudo de Raja Ioga** - *Carlos Cardoso Aveline*
13. **Incidents in the Life of Madame Blavatsky** - *A.P. Sinnett* [livro]

